

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE POESIA, MITO E ECOLOGIA: A OBRA POÉTICA COMO DENÚNCIA DAS PRÁTICAS ANTIECOLÓGICAS

Ivone da Silva Rebello (PCRJ)

ivone.rebello@bol.com.br

Eliana da Cunha Lopes (FGS)

elianacunha@aol.com

INTRODUÇÃO

No limiar deste século, o homem vive a globalização e sofre a influência das profundas transformações ocorridas na ciência, na tecnologia e na geopolítica. Muitas são as formas de participação social com o objetivo de dar subsídios para o desenvolvimento sustentável do planeta, em busca de uma sociedade melhor, mais justa, habitável e sociável em todos os aspectos.

Neste trabalho pretendemos mostrar que a obra literária, em especial, a *poesia*, é capaz de se constituir num instrumento de denúncia às práticas antiecológicas, apresentando as agressões humanas à natureza bem como um lamento à sua destruição.

Selecionamos alguns poemas de autores de épocas distintas, como Horácio (poeta romano do I século a. C.), Thiago de Mello, Lêdo Ivo e outros, os quais apresentam um rico exemplo de conexões temáticas, as quais ressoam como vozes em defesa da natureza.

Partir-se-á da definição de que

A intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto, como componente decisivo de suas condições de produção. Isto é, ela é condição mesma da existência de textos, já que há sempre um já-dito, prévio a todo dizer. Segundo J. Kristeva, criadora do termo, todo texto é um mosaico de citações, de outros dizeres que o antecederam e lhe deram origem. (KOCH e ELIAS, 2006, p. 86)

E sobre a interdisciplinaridade, no campo das Letras, conforme aponta Barthes,

O interdisciplinar, de que tanto se fala, não está em confrontar disciplinas já constituídas (das quais, na realidade, nenhuma consente em *abandonar-se*). Para se fazer interdisciplinaridade, não basta tomar um

DEPARTAMENTO DE LETRAS

“assunto” (um tema) e convocar em torno duas ou três Ciências. A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém. O Texto é, creio eu, um desses objetos. (BARTHES, 2004, p. 102)

Logo, o trabalho articular-se-á sobre três linhas básicas: a poesia, o mito e a ecologia.

Humberto de Campos, em seu livro *O conceito e a imagem na poesia brasileira* (1929, p. 9), nos diz que,

A poesia foi, inicialmente, sentimento. O homem escutou a voz íntima que lhe falava em silêncio, e a cantou. Pouco a pouco, porém, à proporção que ia sentindo a vida e a beleza das cousas que o rodeavam, começou a recorrer a estas, para definir e dar corpo à sua emoção. E a imagem apareceu, ornando, enfeitando, enriquecendo a poesia.

É através do poder misterioso das palavras (concretizadas na forma poética) que o poeta quer tornar visível o sonho intelectual e descobrir um novo sentido para o universo.

Na poesia, o que vemos é a associação de imagens. O poeta busca construir, por meio de palavras, imagens que representem seus sentimentos, suas ansiedades em relação às coisas e ao mundo.

O poeta Manoel de Barros sintetiza a sua incrível experiência com o exercício da escrita, dizendo: *Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira. (Exercícios de ser criança)*

Com relação ao *mito*, são numerosas as narrativas da criação cósmica e humana, e muitas apresentam pontos em comum: *preexistência de uma divindade; criação realizada sob ordem divina; o homem, coroamento da criação, formado da terra como um vaso, reflexo da divindade.* (MILLARD, 1986, p. 129) Assim, a narração da origem do mundo é uma *genealogia*, ou seja, é a narrativa da geração dos seres, das coisas, por outros seres, que são seus antepassados.

O livro judaico-cristão do Gênesis é uma epopeia, é o livro dos inícios. Trata da criação da natureza, dos céus e da terra, “com todo o seu exército”. Da origem do homem e da mulher. Enfim, como Deus fez o Cosmos (mundo ordenado e organizado). A linguagem é simples, mas viva e a partir de uma massa informe deu-se “a explosão multiforme da vida”.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

- 1 No princípio criou Deus os céus e a terra.
- 2 A terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo... (...)
- 6 E disse Deus: Haja um firmamento no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. (...)
- 8 Chamou Deus ao firmamento céu...
- 9 E disse Deus: Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça o elemento seco. E assim foi.
- 10 Chamou Deus ao elemento seco terra, e ao ajuntamento das águas mares. E viu Deus que isso era bom.
- 2 Assim foram acabados os céus e a terra, com todo o seu exército.

(*Gênesis*, 1:1-2,6,8-10; 2:1)

As *Metamorfoses*, de Ovídio, consistem numa sucessão de contos mitológicos, escritos em quinze livros. Segundo estudiosos, trata-se de uma coleção dos mitos principais da Grécia e de Roma. O I livro conta que no princípio era o Caos. Este, ao desenvolver-se, provocou a separação dos elementos. Em seguida, o mesmo deus que a tudo presidia, criou as estrelas, os animais e o homem. O homem começou a viver a sua idade de ouro, e agia com justiça e boa fé, sem precisar de juízes para guiá-lo.

Antes do Mar, da Terra, e Céu, que os cobre,
Um só aspecto a Natureza tinha.
Este era o Caos; massa indigesta, rude
Só peso inerte, e em confusão discorde
Sementes mil de mil contrárias cousas.
Inda a um Orbe um Sol não dava o dia:
Nem Lua incerta variava, as noites
Não pendias, ó Terra, d'entre os ares (...)

Um Deus, outra mais alta Natureza,
A contínua discórdia enfim põe termo.
A Terra extrai dos Céus, o Mar da Terra.
E o Ar fluido, e raro abstrai o espesso.
Tanto que a mão divina escolhe, arranca
Deste horror, deste acervo os Elementos; (...)

(*Ov. Met.* I, 1-8; 19-24)

Assim, a origem e a ordem do mundo, da natureza, fundamentam-se na vontade divina. O *mito* explica o mundo e a maneira

DEPARTAMENTO DE LETRAS

de como se relacionar com ele, e a *poesia*, de todas as artes, é a que melhor serve ao mito. (TRINGALI, 1995, p. 86)

Quanto à *ecologia*, esta tem sido a ciência que abarca as relações entre os organismos individuais e o ambiente em que vivem.

O sentimento de renovação diante da beleza do mundo, da vida, dos seres vivos é descrito nos versos do poeta Mario Quintana:

O encanto
sobrenatural
que há
nas coisas da Natureza!
...
se nela algo te dá
encanto ou medo,
...

1. A valorização da natureza na poesia de Horácio

Horácio é o único lírico digno de ser lido...

**Ele é agradável e cheio de graça e audácia na
variedade feliz das palavras e das figuras**

(Quintiliano. *Ins. Orat. X,1*)

A poesia tem uma natureza mítica. Para muitos poetas clássicos, o homem nasce poeta por um dom divino, e as Musas é a fonte inspiradora desta *suprema forma da beleza* (segundo o poeta francês Stéphane Mallarmé). E somente elas podem dar a voz dos cisnes aos mudos peixes (*o mutis quoque piscibus/ donatura cycni... – Ode IV, 3, 19-20*). O poeta é apenas um instrumento que oferece sua técnica, seu *engenho e arte*. E Mercúrio, deus protetor dos poetas, é quem zela por estes em todas as vicissitudes da vida (*Mercurialium/ custos uirorum – Ode II, 17,29*).

Assim, não há poesia sem uma dimensão mítica, pois o mito pode estar presente de forma explícita ou implícita. Além disso, a poesia pode apresentar dois aspectos: artístico e moral (instrutivo).

Influenciado pela lírica de Catulo, Quinto Horácio Flaco (65-8 a. C.) tornou-se um grande mestre na arte da poesia, chegando a ser

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

considerado o mais grego dos poetas latinos. Em uma carta escrita aos seus amigos Pisões, Horácio expõe a sua visão sobre a poesia:

Poesia é como pintura; uma te cativa mais, se te deténs mais perto; outra, se te pões mais longe; esta prefere a penumbra; aquela quererá ser contemplada em plena luz, porque não teme o olhar penetrante do crítico; essa agradou uma vez; essa outra, dez vezes repetida, agradará sempre. (*Arte Poética*. Epistula ad Pisones)

A poesia de Horácio apresenta uma dimensão mítica, ou seja, seus versos nascem e se alimentam do mito que, por sua vez, se destina a proteger a natureza.

Tal aspecto pode estar ligado ao fato de que Horácio vivia num sítio, a Vila da Sabina, situado num vale ameno, perto de Tívoli, não distante da *Urbs* romana, o que lhe permitiu um retorno às origens campestres.

Assim, entre o campo e a cidade, o poeta declara-se partidário do campo: *ruris amator*, pois para ele, o seu sítio seria o melhor lugar do mundo:

*...O si angulus ille
Proximus accedat, qui nunc denormat agellum! (...)
Ergo ubi me in montes et inarcem ex urbe removi, (...)
Nec mala me ambitio perdit, nec plumbeus Auster,
Autumnusque gravis, Libitinae quaestus acerbae.*

*Perditur haec inter misero lux, non sine votis:
O rus! Quando ego te aspiciam? Quandoque licebit,
Nunc veterum libris, nunc somno et inertibus horis
Ducere sollicitae jucunda obliviae vitae?*

(*Sat.* II, 6)

Aqui na minha quinta: não me incomoda cruel ambição, não me molesta o chumbo do vento sul não me oprimem as doenças do outono, que tanto lucro traz à cruel Libitina.

Assim perco o dia tristemente, e não sem lastimar: Ó meu venturoso campo, quando, enfim, posso ver-te? Quando me será permitido levar uma vida tranquila, esquecido destas preocupações, ora entregue à leitura de livros antigos, ora entregue ao sono e horas de lazer?

É este lugar que, além de lhe dar a subsistência, permite-lhe, também, dedicar-se à poesia. Segundo Horácio, ninguém é poeta por vontade própria, mas recebe um chamado divino:

DEPARTAMENTO DE LETRAS

*O testudinis áurea
Dulcem quae strepitum, Pieri, temperas;
O mutis quoque piscibus
Donatura cygni, si libeat, sonum:
Totum muneris hoc tui est,
Quod monstror dígito praetereuntium
Romanae fidicen lyrae;
Quod spiro et placeo (si placeo) tuum est.*

(Sat. IV, 3, 17-24)

Ó Musa, tu que entoas suaves melodias com tua cítara áurea, tu que poderias, se o quisesses, dar até aos peixes mudos a voz do cisne. É liberalidade tua se os transeuntes me apontam o dedo e me chamam de mestre da lira romana. Se eu tenho alguma inspiração, se as minhas poesias agradam ao público, se é que de fato agradam, então a ti é que o devo.

E no seu fazer poético, ele louva os rios, as pedras cobertas de musgo, os bosques verdejantes, pois neste mundo aprazível é que se tem a maior felicidade (*rure beato*).

*Tu nidum servas; ego laudo ruris amoeni
Rivos, et musco circumlita saxa, nemusque. (...)
Vivere naturae si convenienter oportet,
Ponendaeque domo quaerenda est area primum.
Novistine locum potiorem rure beato?
Et ubi plus tepeant hiemes? (...)*

(Epist. I, 10, 6-7;12-15)

Tu guardas o teu ninho, eu louvo e aprecio os campos amenos, aprecio os riachos, suas pedras cobertas com musgo, e os bosques amigos. Se é necessário viver de acordo com a natureza, se é preciso escolher primeiro um lugar onde construir a casa, conheces, então, um lugar melhor do que o abençoado campo? Conheces um lugar onde os invernos são mais temperados?

Horácio reconhece a grandeza de Roma, nada a supera em beleza, o que faz com que a mesma seja inquieta, barulhenta, empoeirada, enfumaçada. Daí ele preferir a sossegada Tívoli ou a pacífica Tarento.

*Romae principis urbeum
Dignatur soboles inter amabiles
Vatum ponere me choros,
Et jam dente minus mordeor invido.*

(Ode, IV,3,13-16)

Os filhos de Roma, rainha das cidades, se dignam de alistar-me no amável coro dos poetas; e já sou mordido menos com o dente da inveja.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Parvum parva decent; mihi iam non regia Roma,
Sed vacuum Tibur placet aut imbelli Tarentum.*

(Epist. I, 7, 44-45)

A mim não agrada mais a rainha Roma, agrada-me, sim, a solitária Tibur e a tranquila Tarento.

*Alme Sol, curru nítido diem qui
Promis et celas aliusque et diem
Nasceris, possis nihil urbe Roma
Visere maius!*

(Carmen Saeculare, 11,9-12)

Ó Sol divino, que com teu brilhante carro Trazes o dia e o levas e que nasce sempre novo E sempre antigo, oxalá, (em tua viagem) nada vejas maior do que a cidade de Roma!

Quando o poeta fica retido na cidade para tratar de algum negócio, assim se expressa: *Ó campo, quando te verei! (O rus! Quando ego te aspiciam? – Sat. II, 6, 63) Ó noites e ceias dos deuses! (O noctes cenaequae deum! – Sat. II, 6, 68)*. E afirma que os que habitam o campo, não a cidade, são mais felizes (*rure ego viventem, tu dicis in urbe beatum – Epist. I, 14, 10*). E, ainda, pergunta: *novistine locum potio rem rure beato? – Epist. I, 10 (conheces, por acaso, um lugar melhor que o campo bem-aventurado?)*.

2. Da poesia clássica à moderna: a natureza como fonte de inspiração

**O criador – seja ele um romancista, um cineasta,
um pintor, um poeta – não cria coisa alguma.
E num mundo onde todas as coisas já existam,**

**[o verdadeiro criador
se limita apenas a mostrar tudo aquilo que
os outros olhavam sem ver.**

(Mario Quintana, *Porta Giratória*, 1988)

Em nossa análise constatamos que os poemas selecionados apresentam um nó temático no que diz respeito às questões ecológicas, pois desde a Antiguidade Clássica, o mito exerce uma função ecológica através da poesia. Poetas como Horácio, Lêdo Ivo, Thiago

DEPARTAMENTO DE LETRAS

de Mello e outros enfatizam questões de cunho social, no que diz respeito à preservação ambiental e ao desrespeito do homem em avançar natureza adentro, destruindo-a violentamente ou transformando-a de modo alienado.

Vejamos alguns exemplos:

Aqui não há mais pássaros.
Todos foram embora, em busca de novas florestas
para reconstruir seus ninhos.
Aqui não há mais chuvas.
Na terra gretada a fome avança
como um arado enferrujado.
No leito do rio seco os seixos resplandecem
entre cobras sonolentas.
E dos caibros dos galpões pendem pucumãs.

Aqui não há mais pássaros nem peixes.
Os defuntos são enterrados sem flores.
E nossos corações também secaram.
Não temos mais amor.
Ao anoitecer nossas sombras deixam de rastejar
no chão duro que cega as enxadas
e olhamos com rancor o céu estrelado.
Mas fomos nós que derrubamos as florestas e secamos o rio.
Este deserto já foi nosso reino.

(Lêdo Ivo, Imagem do deserto)

O homem s'tá destruindo
O mar, as terras e os lagos,
Os rios sofrem os estragos,
Das matas se consumindo
O ar vai se poluindo,
Não se renova, empobrece,
A temperatura cresce
E ao mundo sufocará.
– em breve o homem terá
O castigo que merece.
(...)

(Manoel Monteiro, *Salvem a fauna! Salvem a flora! Salvem as águas do Brasil!*)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Enfim te descobrimos. Foi preciso
que as águas mais azuis apodrecessem,
que os pássaros parassem de cantar,
que peixes fabulários se extinguissem,
e tua pele verde fosse aberta
pelas garras de todas as ganâncias.

(Thiago de Mello, *Amazonas, pátria da água*)

A intertextualidade apresenta-se como um fenômeno de interação entre diferentes modalidades de textos, que movimentam, ao mesmo tempo, a natureza semiótica, ideológica e subjetiva. O texto dialoga com outros textos, mas também com o contexto político-social. Não basta contrastar textos; é necessário também estabelecer relações entre a obra literária e o mundo político-social no qual foram produzidos, a fim de que criem significados.

A noção de intertextualidade se operacionaliza na medida em que se estuda o texto em relação ao contexto histórico, político e social.

A intertextualidade está ligada ao *conhecimento de mundo*, que deve ser comum ao produtor e ao receptor de textos, pois esta pressupõe um universo cultural amplo e complexo, pois exige que o interlocutor tenha capacidade de identificar as remissões a obras ou a textos, além de interpretar a função daquela citação em questão.

Segundo Kristeva, "todo texto constitui-se como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto." (1969, p. 146)

Para Tânia Carvalho, o procedimento da comparação é um meio, um recurso para se colocar em relação e confrontar elementos nem sempre similares. Está claro, pois, que

Comparar não é justapor ou sobrepor, mas é, sobretudo, investigar, indagar, formular questões que nos digam não somente sobre os elementos em jogo (o literário, o artístico), mas sobre o que os ampara (o cultural, por extensão, o social). (1991, p. 11)

O sentido do engajamento, na acepção utilizada por Sartre, seria

Ato ou atitude do intelectual, do artista que, tomando consciência do seu pertencimento à sociedade e ao mundo do seu tempo, renuncia a uma

DEPARTAMENTO DE LETRAS

posição de simples espectador e coloca o seu pensamento ou a sua arte a serviço de uma causa (Petit Robert).

Segundo Benoit Denis,

(...) o escritor engajado... deseja fazer de modo que a literatura, sem renunciar a nenhum dos seus atributos, seja parte integrante do debate sócio-político. (2002, p. 22)

No sentido estrito, o escritor engajado é aquele que assumiu, explicitamente, uma série de compromissos com relação à coletividade, que se ligou de alguma forma a ela por uma promessa e que joga nessa partida a sua credibilidade e a sua reputação. (2002, p. 31)

3. *O mito: expressão e revelação através do gênero poético*

A palavra *mito* vem do grego *mythos* e deriva de dois verbos: *mytheo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e *mytheo* (conversar, contar, nomear, anunciar, designar). Para os gregos, o mito é um discurso pronunciado para ouvintes que recebem como uma narrativa verdadeira, pois confiam em quem narra.

O poeta-rapsodo (poeta-vidente, que recebia da deusa Mnemosyne, mãe das Musas, protetoras dos poetas, a revelação) é quem narra o mito. Acredita-se que ele é um escolhido dos deuses, os quais lhe mostram os acontecimentos passados e, ainda, permite que veja a origem de tudo o que existe no mundo, a fim de transmiti-la aos ouvintes.

O mito, visto como um gênero do discurso pertencente à classe dos discursos primários (Bakhtin, 1992), constitui-se numa narrativa de composição simples, com preocupação explicativa, buscando atender à necessidade que temos de dar um sentido para os fenômenos que nos cercam. Aborda uma diversidade de temas que focalizam as raízes culturais de um povo, revelando-nos não só o seu conhecimento de mundo, mas também a construção da identidade desse povo.

No início, o mito era transmitido de forma oral, pondo em evidência a necessidade que o homem tem de compreender o universo e de entendê-lo como um todo.

Segundo Jolles,

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O homem pede ao universo e aos fenômenos que se lhe tornem conhecidos; recebe então uma resposta, recebe-a como *responso*, isto é, em palavras que vêm ao encontro das suas. O universo e seus fenômenos fazem-se conhecer. Quando o universo se cria assim para o homem, por *pergunta e resposta*, tem lugar a forma a que chamamos *mito*. (1930, p. 88)

Cada mito mostra a *relação do homem com o mundo* através de narrações nas quais seres estranhos ou deuses explicam os fenômenos da natureza, o surgimento do mundo e do universo.

O mito tem, como uma de suas principais características, a presença de seres sobrenaturais. Conforme afirma Campbell (1997),

(...) um deus representa um poder motivador ou um sistema de valores tanto para a vida humana como para a natureza, ou seja, os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano. Portanto, os poderes que animam nossa vida também animam a vida do mundo, numa ligação do mundo imaginário com a consciência racional.

Assim, os mitos tornaram-se o meio de colocar mente e corpo em harmonia, e o rumo da vida de acordo com as forças da natureza, então presididas por um deus.

A palavra *mythos*, primitivamente, significava “fábula”, “conto”, “fala” ou apenas “discurso”, passando a ser usada em oposição a *logos* (isto é, do pensamento racional que desfez o privilégio da religião como visão única de mundo) e *história*, o que mais tarde veio a significar “aquilo que não pode realmente existir”.

Heidegger e outros estudiosos chamaram a atenção para o fato de que a palavra grega *mythos* referia-se basicamente à atividade de contar e não ao conteúdo daquilo que é contado.

O mito e a poesia são inerentes à própria condição humana, “apresentam-se como uma necessidade da mente criadora” em fantasiar o mundo. O mito, portanto, explica o mundo e o modo de se relacionar com ele, e a poesia, de todas as artes, é a que melhor serve para exprimir as ideias míticas.

Neste trabalho, o mito será tomado no sentido que o atribui Mírcea Eliade, em seu livro *Mito e Realidade*. O autor sugere uma definição que julga a “menos imperfeita” e a “mais ampla”:

O mito conta uma história sagrada; relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros

DEPARTAMENTO DE LETRAS

termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. [...] Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. (1986, p. 11)

Mircea Eliade (1986, p. 7) chama a atenção para o fato de que o termo “mito” tornou-se, em nossos dias, de certa forma, “equívoco”, podendo tanto significar “ficção” ou “ilusão”, como “tradição sagrada”, “revelação primordial” ou “modelo exemplar”. (RIBEIRO, 1987)

4. O conceito de ecologia: da antiguidade clássica à atualidade

Antes havia os relógios d'água, antes havia
os relógios de areia. O Tempo fazia parte da natureza.
Agora é uma abstração – unicamente denunciada por um tic-tac
mecânico,
como o acionar contínuo de um gatilho numa espécie de roleta
[russa].
Por isso é que os antigos aceitavam mais naturalmente a morte.

(Mario Quintana, *Porta Giratória*, 1988)

A ecologia estuda as relações entre o homem e a natureza. É uma ciência prática, pois se preocupa com o modo correto de tratar a natureza.

Etimologicamente, a palavra *ecologia* significa: estudo (=logia) da casa (=oikos), em linhas gerais, quer dizer: o conhecimento (estudo) de nossa morada (Terra). O primeiro que empregou a palavra *ecologia* foi o biólogo alemão Ernst Heinrich Haeckel, em sua *História da criação* (1868). Mas a ciência da ecologia só ganhou forças em começos do século XX com Eugenius Warming (*Oecology of plants*, 1909).

Em Horácio, não vamos encontrar a palavra ecologia de forma explícita, mas o *conceito*. O poeta concebe como a “arte de fruir os dons da natureza” (*artem fruendi – Epist. I,4,7*) e a “arte de usar o suficiente” (*quia parvo nesciet uti – Epist. I,10,41*).

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Segundo Horácio, o homem não se deve reduzir a um mero consumidor, embora a terra alimente, liberalmente, tanto ricos quanto humildes.

Nos numerus sumus et fruges consumere nati,

(*Epist.* I, 2,27)

Nós somos apenas uns zeros; nascidos para devorarmos os frutos da terra;

*...scilicet omnibus,
quicumque terrae munere uescimur,
enauiganda, siue reges
siue inopes erimus coloni.*

(*Ode* II, 14, 9-12)

...por todos os que nos alimentamos com os dons da terra, quer sejamos reis, quer pobres colonos.

Alguns princípios formam a base de sustentação da ecologia:

- Há sempre uma medida em tudo, caso nos afastemos disso, teremos o desequilíbrio no uso da natureza. Isto não quer dizer que devemos deixá-la intocada, mas sim não desperdiçá-la, pois a ecologia consiste no desenvolvimento sustentado.

*At qui tantuli eget, quanto est opus, is neque limo
Turbatam haurit aquam neque vitam amittit in undis.*

(*Sat.* I, 1,59-60)

Mas quem se contenta com o que lhe é necessário, esse nunca traz água com lama, nem perde a vida no meio das ondas.

*Et modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra citraque nequit consistere rectum.*

(*Sat.* I,1,106-107)

Pois, há uma medida em todas as coisas, enfim, há certos limites, além dos quais e aquém dos quais não pode estar certo.

*Vivitur parvo bene, cui paternum
Splendet in mensa tenui salinum:
Nec leves somnos timor aut cupido
Sordidus aufert.*

(*Ode* II, 16,13-16)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Vive-se feliz com pouco! O medo e a sórdida avareza não perturbam o sono tranquilo daquele a quem brilha sobre a mesa modesta o salieiro paterno.

- O homem precisa viver de acordo com as leis da natureza. Isto porque a natureza repelida sempre reconquista seus direitos. Ela declara as suas leis, mostrando-nos o que é útil e o que é nocivo.

*Vivere naturae si convenienter oportet,
Ponendaeque domo quaerenda est área primum;
Novistine locum potiorem rure beato?*

(*Epist.* I,10,12-14)

Se é necessário viver de acordo com a natureza, se é preciso escolher primeiro um lugar onde construir a casa, conheces, então, um lugar melhor do que o abençoado campo?

*Naturam expellas furca, tamen usque recurret,
Et mala perrumpet furtim fastidia victrix.*

(*Epist.* I,10,24-25)

Talvez consigas espantar a natureza com o forçado, ela voltará, E pouco a pouco romperá vitoriosa o teu luxo fastidioso.

Na obra de Horácio nos deparamos com denúncias e mesmo condenação a crimes ecológicos, os quais o poeta classifica como atos de impiedade.

*Nequicquam deus abscedit
Prudens Oceano dissociabili
Terras, si tamen impiae
Non tangenda rates transiliunt uada.*

(*Ode* I,3,21-24)

Debalde um deus providente separou de modo inconciliável as terras com o oceano, se nada obstante barcos ímpios atravessam as águas que não deviam ser violadas.

*Iam pauca aratro jugera regiae
Moles relinquunt: undique latius
Extenta visentur Lucrino
Stagna lacu; platanusque caelebs.*

*Evincet ulmos: tum violaria et
Myrtus, et omnis copia narium,
Spargent olivetis odorem
Fertilibus domino priori.*

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Tum spissa ramis láurea fervidos
Excludet ictus. (...)*

(*Ode*, II,15,1-10)

Em breve os edifícios suntuosos deixarão poucas terras para o arado em toda a parte aparecerão piscinas, maiores do que o lago Lucrino.

Em breve o plátano solitário expulsará os olmos e a violeta, a murta e toda a sorte de plantas odoríferas exalarão seus perfumes nesses olivedos que antes enriqueciam os seus primeiros donos.

Em breve ramos espessos de loureiro interceptarão os raios do sol abrasador. (...)

Nas cidades inchadas pelo êxodo rural, devido às péssimas condições de vida, de trabalho, assiste-se a um desenfreado crescimento de favelas, mendicância, violência... Dia e noite, registra-se a intensa poluição sonora, causada pelo barulho das máquinas, dos carros... A poeira e fumaça invadem o ar. A água, poluída em sua totalidade, principalmente nos rios, é a mesma que bebemos e sentimos o gosto dos encanamentos de chumbo.

Em seu tempo, Horácio já denunciava todo esse desequilíbrio:

*Est ubi plus tepeant hiemes? (...)
Purior in vices aquas tendit rumpere plumbum,
Quam quae per pronum trepidat cum murmure rivum?
Nempe inter varias nutritur silva columnas,
Laudaturque domus longos quae prospicit agros.*

(*Epist.* I,10,15; 20-23)

Conheces um lugar onde os invernos são mais temperados?(...) Onde as águas, que ameaçam romper as tubulações dos quarteirões, corram mais claras e cristalinas do que as águas murmurantes que descem as colinas debruçadas? Talvez entre as colunas coloridas da cidade venha até a crescer um projeto de mata. Talvez até seja louvada a casa com vista ampla para os campos abertos.

A abundância só gera preocupações. Deixa-a para trás juntamente com o palácio da altura das nuvens. Para de admirar a fumaça da sua Roma, juntamente com seu luxo e seu burburinho!

A cidade, segundo Horácio, tem se tornado um mar agitado, onde não se tem nenhum lugar propício para sossego e meditação. E assim, o poeta se expressa:

DEPARTAMENTO DE LETRAS

*Praeter cetera, me Romaene poemata censes
Scribere posse inter tot curas totque labores? (...)
Scriptorum chorus omnis amat nemus, et fugit urbes,
Rite cliens Bacchi somno gaudentis et umbra.
Tu me inter strepitus nocturnos atque diurnos
Vis canere et contracta sequi vestigia vatum?*

(*Epist.* II,2,65-66; 77-80)

De mais a mais, achas tu que eu possa compor poesias em Roma no meio de tantos problemas e cuidados? (...). A classe dos poetas ama os bosques, foge da cidade, e segue fiel a Baco que se alegra em doce repouso e fresca sombra. Tu queres que no meio de toda esta bagunça, que não para nem de dia nem de noite, eu cante os meus versos e siga a senda estreita de poeta e cantor?(...) E eu deveria encontrar aqui em Roma no meio das ondas e do fervorinho da grande cidade, disposição e vontade para alinhar palavras que acordem os sons delicados da lira?

Plínio, também em sua obra *História Natural*, faz críticas à destruição da Terra pelo homem, descrevendo a avareza humana:

E, todavia, as [dores] que ela suporta na superfície da pele e na epiderme [talvez] pareçam toleráveis; penetramos em suas entranhas, cavando filões de ouro e de prata e minas de cobre e de chumbo, procuramos também pedras preciosas e certas pedras pequenas em covas perfuradas nas profundezas [da terra]; arrancamos suas entranhas, para que uma gema seja levada no dedo pela qual ela é procurada. (...) Se existisse algum inferno, certamente os subterrâneos da avareza e da luxúria já os teriam desenterrado. (...), porque todos estes sucessos da riqueza levam aos crimes, às matanças e às guerras e porque a regamos com nosso sangue e a cobrimos com nossos ossos insepultos, com os quais, todavia, como que censurando nosso furor, finalmente ela própria se reveste e também oculta os crimes dos mortais. (*Naturalis Historiae*, II, 63)

A preocupação com a preservação da natureza não é recente. Poetas, artistas plásticos, compositores, pessoas ligadas às artes em geral têm cumprido seu papel social de denúncia e conscientização.

Em sua música *S.O.S. natureza*, Geraldo Azevedo denuncia a agressão do homem ao ambiente em que vive:

Vamos plantar canções	O verde ardendo
Todas manhãs a cantar	Os seres gemendo
Pelo fruto do ventre da terra	Aflitos
Nossa senhora mãe	Serrando de dor
Mãe natureza a sangrar	S.O.S., senhores da terra
S.O.S., senhores da terra	
Alerta!	O cravo agradece
	A rosa merece
	Esse evento futuro de luz

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Mãe natureza é vida
Seu corpo é parte de nós.

Assim, essa falta de preocupação com a preservação ambiental tem gerado uma má distribuição dos bens, levando às desigualdades sociais na participação dos frutos da natureza, e isso tem feito com que muitos fiquem privados dos seus meios essenciais de sobrevivência. Trata-se de uma luta incessante pela preservação do meio, em que o próprio homem vive e dele tira proveito para a sua sobrevivência.

5. Conclusão

Enfim, há de se notar que muitos poetas enfatizaram, e ainda continuam a enfatizar, em seus poemas questões de cunho social, no que diz respeito à preservação ambiental. Temos, portanto, uma poesia de caráter mais social, menos subjetiva, associada à participação e engajamento nas discussões sociais. E tal, analisa e subverte os desalinhos sociais em relação às questões ambientais. É uma poesia de teor crítico, na qual a visão política e social do poeta lhe dá uma lição valiosa: não adianta pensar no futuro se a natureza está sendo destruída hoje. É a imagem da destruição, da morte que acompanha a sociedade industrial, ávida pelo lucro e satisfações pessoais. *A Ciência – segundo José Lutzemberg – deve voltar a ser o que era para os antigos Gregos – percepção de harmonia, gozo estético, deleite espiritual, exercício intelectual.* (LUTZEMBERG, 1976).

A importância da *Literatura* na esfera da *Ecologia* tem sido, pois, uma abertura problema vem desde a época da Roma antiga.

Trata-se de uma poesia de compromisso com uma poética que, em princípio de espaços para a conscientização do binômio *Ser Humano – Terra*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

BÍBLIA SAGRADA. Versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Hagnos; Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1997.

CAMPOS, Humberto de. *O conceito e a imagem na poesia brasileira*. Citações de poetas brasileiros dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1929.

DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Trad. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. São Paulo: EDUSC, 2002.

DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.

FLACO, Quinto Horácio. *Obras seletas*. Trad. e coment. José Ewald Scheid. Canoas: ULBRA, 1997.

HORACE. *Oeuvres completes*. Traduits em vers par P. Daru. Paris: Chez Janete t Cotelte, Libraires, 1823. Tome I et II

HORÁCIO. *Odes e epodos*. Trad. E notas Bento Prado de Almeida Ferraz. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca Martins Fontes)

JOLLES, André. *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1930.

KOCH, Ingedore G. Villaça et alii. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

KRISTEVA, Julia. *La révolution du langage poétique*. Paris: Seuil, 1974.

MELLO, Thiago de. *Mormaço na floresta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Massao Ohno, 1981. (Coleção Poesia Sempre; v. 2)

MILLARD, Alan. Outras narrativas da criação. In: *O mundo da Bíblia*. Trad. José Raimundo Vidigal. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.